

O desafio da maturidade*

«O que eu vim fazer no mundo?»

Notas do encontro de Julián Carrón e Francesco Barberis

com os formandos de Gioventù Studentesca

Milão, 12 de fevereiro de 2020

Cantos: *Canzone dell'ideale*

La strada

Francesco Barberis. Boa noite a todos, professores e estudantes do quarto e do quinto ano, reunidos aqui em Milão e em mais de 80 cidades conectadas em Itália, Suíça, Portugal e República Tcheca. Estamos aqui porque a vida de vocês, estudantes, urge: este momento, tão dramático e ao mesmo tempo tão empolgante, ressalta as perguntas que são fundamentais; fundamentais para qualquer pessoa, mas muito vibrantes na idade de vocês: «O que é que eu vim fazer no mundo?», «Por que vale a pena viver?», «Como não errar na escolha do futuro?», «Será que é um problema tão grande errar?» Todas essas perguntas e outras que virão à tona hoje, queremos fazê-las a Julián Carrón, um pai para nós. No fundo, não queremos simplesmente ter respostas, nós queremos não perder a origem de que nascem essas perguntas. Por isso procuramos muito mais do que respostas, procuramos alguém que abrace essas perguntas, alguém que as faça suas, um pai que esteja disposto a caminhar com cada um de nós, a fazer junto conosco todos os passos necessários para identificar na vida as respostas às nossas perguntas. Por isso estamos tão gratos pela presença de Julián, para podermos compartilhar com ele uma parte do caminho. Chegaram numerosas contribuições. Gostaria de ler duas delas para introduzir a primeira questão: para que serve a fadiga do estudo? Uma de vocês escreveu: «Durante estes quatro anos de estudo intenso, amadureci a consciência de que, quanto mais aprofundo os assuntos, mais me dou conta de não saber muita coisa. Isto sempre me levou a ser ainda mais curiosa, a estudar mais. Hoje, porém, me sinto sobrecarregada diante de uma complexidade e uma variedade de eventos e de pessoas. Eu tenho um desejo tremendo de entender (não ousou dizer de resolver) as grandes questões. É possível chegar a uma visão completa da realidade? Porque me sinto limitada já no ponto de partida! Agora me sinto insatisfeita e percebo o meu limite não mais como ocasião, mas como limite, pois o que desejo (a felicidade, o amor, a justiça, a igualdade para todos) me parecem objetivos distantes demais da realidade. E então, como posso observar a realidade sem perder de vista estes meus objetivos?»

Outro amigo confessou com muita simplicidade: «Quereria ser feliz, mas não posso, porque a escola e o estudo me impedem de fazer coisas que acho que me deixariam mais feliz, como por exemplo assistir aos jogos do Bolonha de qualquer lugar, mesmo morando longe, que é a coisa que mais me importa no mundo; mas por causa dos compromissos escolares várias vezes perdi essas ocasiões. Ou então queria ir viajar para Londres com meus amigos, mas não posso porque preciso fazer as provas do Invalsi (*Instituto nacional de avaliação do sistema educacional de instrução e de formação, ndt*). Enfim, não muitos os momentos em que fui prisioneiro e não pude fazer algo que realmente me fizesse feliz. Como faço para ser feliz dentro das circunstâncias, como o estudo e a escola, que neste momento me parecem impedir?»

Tenho uma pergunta sobre a maturità e o período que nos separa dela. Eu tenho necessidade de ver que o fato de ter de ficar em casa para estudar não é um “a menos” em relação ao nível de vida que desejo. Quero ver que não estou perdendo nada. Por exemplo, tive de abrir mão de ir à caritativa num sábado porque precisava me preparar para uma prova oral. A sensação que sentia era mesmo a de estar perdendo algo (a caritativa, neste caso). Mas eu não quero que seja assim. Aproximando-me cada vez mais da maturità e aumentando, então, a quantidade de estudo, eu

* Por “exame de maturidade”, em italiano *maturità*, entende-se o exame conclusivo do ciclo de estudos da educação secundária (equivalente ao ENEM após o ensino médio) em alguns países europeus.

realmente preciso experimentar que ficar em casa não é perder algo, não é um “a menos”. Como é possível? Pode ser assim de verdade? Por enquanto é como ser obrigada a ficar fechada em casa quando lá fora há um dia maravilhoso.

Julián Carrón. Posso fazer uma pergunta? Você já viveu alguma circunstância concreta, específica, em que não teve a sensação de estar perdendo algo? Você disse: «Se tenho de ficar em casa para estudar, não posso ir à caritativa». Quando escolhe uma coisa, sempre deixa outra de fora; ninguém tem o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Então é um problema grave, porque hoje vai ser com o estudo, amanhã com outra coisa. Então encarar a questão de como podemos viver o particular de maneira a não perdermos todo o resto é crucial para viver, não só para o exame de *maturità*. Como sempre dissemos, para responder é preciso partir da experiência. Para você já houve uma experiência em que, vivendo um particular, teve a impressão clara de que naquele momento havia tudo e não te faltava nada?

Uma circunstância em que tive de renunciar a algo?

Carrón. Uma circunstância em que, tendo escolhido uma coisa, não te preocupava o fato de renunciar a outra, não te faltava nada. Esta é a pergunta que cada um deve fazer-se, senão sempre ficaremos presos pelo pensamento de que em qualquer situação estaremos perdendo algo.

No momento não me vem à mente nenhuma experiência; penso mais em quando preciso ficar em casa estudando e digo a mim mesmo: «Mas não posso ir conversar com aquele amigo!»

Carrón. É uma experiência que todos nós compartilhamos, não? Por isso, se não encontrarmos uma resposta à pergunta, sempre vai nos acontecer, em relação a qualquer coisa! Bem-vindos ao clube dos seres humanos, onde vocês começam a ver o que é a vida! Então a questão é como consigo viver toda circunstância, todo fragmento de vida, sem perder nada de crucial enquanto o vivo. Um famoso teólogo católico usou esta expressão: «O todo no fragmento». Como viver o todo no fragmento? Este não é um problema só seu, porque seja uma coitada ou limitada, mas de todo o mundo. Até Jesus, como homem, como Deus encarnado, viveu assim! Como testemunha o Evangelho, Jesus foi enviado – Ele mesmo diz isso de si – às ovelhas perdidas da casa de Israel. Poderia ter-lhe dado vontade de ir a Roma, a Atenas, a Corinto. Mas o desígnio de Deus era que tudo passasse pela relação com aqueles que estavam na Palestina. Jesus vivia essa modalidade com uma intensidade total. Não reclamava do que estava perdendo, mas aproveitava ao máximo cada particular, cada situação. Quando era convidado a uma festa de casamento, quando ia para cá ou para lá, vivia com uma intensidade sem comparações tudo o que tinha à frente. Estava presente no presente; em cada circunstância, em cada instante estava cheio de “algo” que tornava único aquele instante. Este é o desafio para cada um de nós. E em alguns momentos podemos começar a experimentar isso. Por exemplo, quando alguém se apaixona, sente um arrepio ao estar com a pessoa amada e diz: «Não queria ir embora daqui». Já te aconteceu alguma vez?

Sim!

Julián Carrón. Vê? Vocês têm na frente dos olhos isso de que estamos falando, mas por estarem distraídos não se dão conta das coisas que acontecem e de como acontecem. Se prestar atenção, vai começar a ver que há determinados momentos em que uma presença é tão determinante, que nesse instante você não tem a sensação de estar perdendo nada.

Sim, mas só no momento em que ela está na minha frente!

Carrón. Concordo, mas basta um único desses momentos para quebrar as barreiras; quer dizer que você pode viver todo instante assim, porque viu que é possível viver um instante sem perder nada. Gostaria disso? Seria a festa do instante! De todo instante. Então, momentos como o da *maturità*, em que a vida é tão desafiadora, são ocasiões preciosas, imperdíveis, que devem ser observadas, pois nos obrigam a perguntar: «O que torna mais pleno o instante que estou vivendo?» Sempre estaremos sujeitos aos limites de tempo e de espaço, num dado momento nunca poderemos estar em dois lugares diferentes. Mas em determinados momentos não gostaríamos de estar em nenhum outro lugar, de tão plenos que são! Então a questão é prestar atenção: «O que torna este instante tão pleno, que não tenho a impressão de estar perdendo nada?» Você tem na sua frente um belo desafio! Muito

mais importante do que o exame de *maturità*. Em comparação com esse desafio, a *maturità* é brincadeira de criança.

Agora que estão se aproximando cada vez mais o fim da escola e a maturità, além de sentir uma grande ansiedade pelo exame, pergunto-me se vai sobrar algo destes cinco anos e, se sim, o quê. Refiro-me principalmente à escola: não gostaria de pensar que depois de cinco anos passados lá não tenha ocorrido nada de significativo para eu levar comigo quando sair do ensino médio. Quanto ao estudo, apesar o esforço que estou empregando, nunca consigo estudar tudo o que deveria e do jeito que gostaria. Queria estudar todas as matérias com o mesmo olhar, com a mesma atenção com que estudo ciências, matemática e física. Sei que isto é possível porque me aconteceu em algumas ocasiões: por exemplo, uma vez estudei com uma garota do liceu artístico que tinha pela arte o mesmo olhar que eu tenho pelas matérias exatas. Ouvindo-a falar, entendi claramente que o que ela vê na arte é muito mais do que eu vejo. Também me aconteceu com a professora de italiano: quando ela explica uma poesia, tudo fica claro, tudo fica cheio de sentido; depois em casa releio a poesia e me parece totalmente diferente em relação ao que tinha visto em aula. Eu queria estudar sempre assim, mas como faço, já que não posso estudar sempre com a minha amiga e sozinho é mais difícil ou mais demorado? Isto me trouxe duas questões: a primeira é que não sou bom o suficiente para fazer tudo o que queria fazer, e por isso às vezes me irrita comigo mesmo por causa da minha lentidão, mesmo sabendo que não posso fazer nada a respeito. A segunda depende da primeira: não conseguindo fazer tudo rapidamente, tenho de roubar um tempo de algum outro lugar, e assim muitas vezes acabo tendo de abrir mão de muitas outras coisas. Eu vivo esta situação e este meu limite como um “a menos” e como um fracasso. É pesado viver assim e não queria prosseguir desse jeito até a maturità. Como faço para mudar o meu olhar? E enquanto espero esse olhar, há algo no estudo que vale tanto quanto aquilo de que abro mão? Como é possível que não conseguir fazer tudo não seja um “a menos”?

Carrón. Você já começou a ver, em alguns momentos, que certas presenças, como a da sua amiga e da sua professora, te introduzem a um jeito de estar no real que te exalta. Esta é a primeira constatação. E é crucial vocês comecem a dar-se conta disso, como aconteceu com você. Como se vê, você já tem na sua experiência, mesmo “não sendo bom”, uma documentação de que a forma desejada de estar no real é possível, te aconteceu, senão você não teria contado. Então, a questão é dar-se conta dos momentos em que tudo é cheio de sentido, perguntar-se o que acontece aí. Você disse: «Aquela circunstância ficou cheia de sentido». Todo mundo pode identificar na própria experiência momentos desse tipo, se estiver atento. Se, porém, estiver distraído, pode acontecer que tenha na frente o Monte Branco e o confunda com um ratinho. Não o vê não porque o Monte Branco não esteja lá e sua beleza não seja imponente, mas porque está distraído. Uma pedra não se admira com a beleza das montanhas. Portanto, o ponto é você dar-se conta de que já viveu – você mesmo, que não se considera bom, não outra pessoa – momentos cheios de sentido. Então, para que o que te aconteceu se amplie para todos os aspectos da realidade, a questão é reconhecer que a sua capacidade não tem nada a ver. De fato, pôde viver momentos cheios de sentido do jeito que você era: o seu desempenho não tinha nada a ver. Descobrir isso é uma libertação para todos. O que torna diferente uma circunstância não é a nossa própria capacidade ou a falta dela, mas uma *presença*, que enche de significado aquele momento: chega uma professora que te faz viver com uma intensidade extraordinária a leitura de uma poesia, à qual você não chegaria sozinho. Se a pessoa estiver atenta, pode realmente fazer um caminho, seguindo as presenças em que vê acontecer uma intensidade que não exclui nada. Então a sua pergunta começa a encontrar uma resposta: não se trata de abrir mão das coisas, mas de vivê-las intensamente. Você só precisa seguir esse “a mais” que viu na sua amiga e na sua professora, e pouco a pouco essa forma de estar no real se tornará cada vez mais sua. Desta forma, para que a leitura de uma poesia possa vibrar em você como vibra na sua professora, o que é preciso fazer? Precisa apenas deixar-se gerar por aquela presença, de modo que num determinado momento, quando ler aquela poesia, você poderá comover-se como ela se comoveu enquanto a explicava em aula, a ponto de vibrar até em você! Quem te impede de fazer

isso? Quem os impede de fazer isso? Ninguém! Mas ninguém pode fazer esse “deixar-se gerar” no seu lugar, ele pertence ao caminho que você deve fazer. Às vezes dizemos: «Concordo, mas nem sempre há uma pessoa que com sua presença me faz vibrar; se houvesse...», e então nos queixamos. Estive pensando nisso estes dias, ao encontrar um amigo que reclamava porque – tendo-se formado e tendo começado uma vida nova – não podemos encontrar-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade; exatamente como se dá com você: «Não tenho sempre a professora, não tenho sempre aquela colega de classe com quem estudo». A esse amigo que reclamava eu lembrei um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam terem-se esquecido de pegar os pães. Apesar de terem testemunhado dois milagres gigantescos – duas multiplicações de pães como jamais ocorreram na história –, começaram a brigar entre si por terem esquecido os pães. Você poderia dizer: «Viu só? Quando falta Ele, então reclamam». Mas eu disse ao meu amigo: «O problema é que Jesus estava lá, do lado deles, no barco! E eles continuavam reclamando! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles era como se não estivesse. Jesus, então, para mostrar onde estava o problema, não fez mais um milagre. De que adiantaria fazer mais um, com todos os que já tinham visto? Que contribuição dá Jesus? Dirige aos discípulos três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» A segunda: «Quantos sobraram depois da outra?» E por fim: «E ainda não entendeis?» (cf. Mc 8,19-21). Jesus não faz outros milagres, mas os educa a usar a razão, de modo a poderem dar-se conta de terem consigo o dono da “padaria”. Se não tinham entendido, era porque ainda não tinham aprendido a usar bem a razão, a ponto de reconhecer quem é que estava na frente deles, quem era Jesus.

Se você não fizer esse trabalho quando lê de um jeito diferente uma poesia graças àquela professora, se não deixar entrar a novidade de olhar da sua amiga em relação àquela matéria artística, não vai crescer. Assim como a sua professora, Jesus também quer que você aproveite cada vez que for ler uma poesia. Você gostaria? Gostaria que a presença da sua professora produzisse tamanho gosto pela poesia que você não conseguiria mais ir dormir sem ler uma? Para que isso ocorra, é preciso uma abertura que cabe a você, que pertence à sua ação, e que aquelas presenças te ajudam a ter. Segui-las é fácil (não automático). Pois a vibração do seu eu graças àquela professora foi tamanha, que você já não consegue ficar sem ela, bem como não consegue ficar sem apreciar uma obra de arte ou algo de belo depois de tê-lo experimentado graças à sua amiga. Deixando entrar aquela novidade que te alcança por meio delas, você cresce, se desenvolve. Em vez de ter uma sensação de fracasso, em vez de abrir mão de algo, começa a ampliar o olhar para outras coisas que antes olhava com uma medida reduzida. Enfim, primeiro você fica diante de uma amiga que começa a escancarar o seu olhar, depois de uma professora que o amplia ainda mais, e então você também começa a ser capaz de olhar, começa a apreciar tudo! Imagine a genialidade de Dom Giussani, que nos faz escutar música, nos faz ler poesia, nos propõe a arte quando estamos juntos, nos introduz ao canto, à liturgia, à beleza da natureza, etc. Ficando numa companhia como a nossa, a pessoa começa a ampliar o olhar para poder apreciar tudo. Se você estivesse sozinho, não seria educado a isto. Esse algo “a mais” que descobre no estudo faz com que, comprometendo-se, você não abra mão de nada, porque tudo te é devolvido de outra forma. Mas isso é possível porque você pertence a um lugar, a um determinado lugar. Pertencendo a um lugar preciso, histórico, concreto, feita de presenças humanas cheias de uma proposta de significado para a vida, muda o jeito com que você se relaciona com o real: todas as coisas ficam cheias de tudo. De fato é uma história particular que nos introduz à totalidade: nós também, você e eu, que somos uns coitados, que não somos excepcionais, que não temos a sensibilidade da sua professora ou da sua amiga, estando num lugar como este mudamos, somos constantemente escancarados à realidade toda. Interessa? Obrigado!

Barberis. Algum de vocês escreveu que tinha medo de perder o que encontrou.

A maturità produz em mim um sentimento duplo: por um lado, há a vontade de encará-la porque, frequentando o liceu linguístico, estudo quatro literaturas diferentes e nestes anos descobri que a literatura não me interessa, então quero entrar na faculdade para estudar algo de que eu realmente goste e que me deixe apaixonada. Depois, ouvindo meus amigos mais velhos a respeito do mundo mágico da universidade, eu também quero ver como é, quero ir lá, porque os vejo mais felizes do que eu, que tantas vezes fico na classe só esperando o fim da aula. Por outro lado, como julgo ser normal ou pelo menos comum, há um medo que não quer me deixar ir à universidade, que quer me fazer continuar na escola, e há sobretudo o medo de chegar à prova oral e esquecer o que estudei durante o ano. Na verdade, o maior medo é aquele de que fala Massimo Recalcati no livro A hora da aula, do qual lemos um trecho durante a primeira aula de filosofia em setembro: «O exame de maturità é uma porta que se abre para uma terra desconhecida, pois estabelece o fim do mundo filho-estudante e o início das escolhas que farão o nosso destino. Temos de assumir a palavra em primeira pessoa. No exame de maturità a certeza da terra da infância acaba e começa a instabilidade aventureira do mar. Em toda prova há sempre o risco de desmoronar bem como o risco do inebriamento da liberdade. A verdadeira angústia está sempre em relação à nossa liberdade e ao nosso desejo». Então sinto o medo e a ansiedade por ter de fazer uma escolha que vai determinar o meu futuro, a angústia de errar, de não encontrar aquilo para o qual fui feita, a minha vocação. Eu sei que isso faz parte de virar adulto, de crescer, mas isso não elimina o medo. Então a pergunta é: como posso viver a maturità e a escolha da faculdade mais tranquilamente, como eu queria que fosse?

Carrón. A maturità representa para vocês um teste do caminho que fizeram nestes anos, querendo ou não. A maioria das perguntas que vocês têm, com efeito, não diz respeito propriamente ao exame da *maturità*, mas – como vimos agora – ao medo ou a como viver um particular sem perder o todo, ou seja, têm a ver com a vida. A *maturità* é uma ocasião para aprender o que é crucial para viver, portanto é preciosa. Uma circunstância como a *maturità* é reveladora. Para poder encarar a *maturità* com certa leveza – digamos assim –, com certa audácia, o que é necessário? O que você responderia? Como se prepara para o exame, quando o problema é o medo? É uma pergunta que cada um de vocês deve fazer: «O que me prepara para a *maturità*?» Eu te ofereço uma ajuda: a pessoa se prepara para a *maturità* vivendo o presente, descobrindo no presente o que facilita vencer o medo. Se você não fizer experiência dessa vitória no presente, não só não se prepara para encarar o exame, mas teme simplesmente o futuro sem poder fazer nada. Você pode fazer algo, então, a fim de se preparar para a *maturità*: verificar no presente o que permite não sucumbir ao medo. E isso tem a ver não só com a *maturità* ou o fato de enfiar a cara nos estudos (porque é claro que você tem de estudar): de fato, a questão é o que te torna protagonista na vida em primeira pessoa, o que te permite estar diante desta circunstância inteiramente, sem ficar determinada pelo medo. O presente é a única coisa que temos: o passado não existe mais, o futuro ainda não está nas nossas mãos; por isso é inútil nos preocuparmos com o futuro, não resolve o problema do medo. O que é que pode dar uma contribuição para você enfrentar o futuro? O presente! Então, do que você precisa quando tem medo? Comece agora a descobri-lo, não amanhã ou no dia do exame. E aqueles entre vocês que ainda têm dois anos pela frente, não percam tempo, senão vão chegar ao dia da *maturità* – e na vida em geral – cheios de medo! Movam-se, pessoal, o teste da *maturità* é feito ao vivermos o presente! Então use o presente e observe o que é que te dá a serenidade para enfrentá-lo; assim você vai saber como é que pode encontrar a tranquilidade para encarar também o exame da *maturità*. Dá para entender?

A vida é fácil, mas é preciso desmistificar o mito da *maturità*: se a sentem como uma ameaça, como algo incumbente sobre vocês, é por causa de uma fragilidade ao estarem diante do presente. Assim as formigas acabam virando gigantes; não porque o sejam, mas porque o medo as faz parecer maiores do que são. Observem, na experiência, o que é que foi capaz de derrotar o medo, o que é que o vence. O tamanho enorme que certas coisas adquirem, o medo que suscitam, é proporcional à nossa inconsistência. Parte do medo que sentem agora não é determinado pelo exame da *maturità*. Portanto, se alguém pensa: «Por que preciso me preocupar com viver durante o liceu? Eu estudo e

pronto, deixo de lado todo o resto porque é inútil», eu o espero do outro lado. Porque o problema do medo não é resolvido com “o estudo e pronto”, mas com viver fazendo experiência. Se fizerem o caminho do liceu e não usarem esse tempo para crescer, para identificar o que gera uma consistência pessoal – que os põe nas condições para estarem diante dos desafios da vida –, quando o exame chegar, apesar de todo o “estudo e pronto” que tiverem feito, vocês vão ficar à mercê do medo. Alguns se acham mais espertos ao dizer: «Eu não preciso me preocupar com fazer um caminho durante estes anos, porque no fundo não preciso dele, agora eu estudo e pronto, independentemente de todo o resto». Mas esta é uma deformação da realidade, porque você é mais do que o estudo, em você são determinantes questões que vão além do estudo, que dizem respeito à sua consistência, à sua certeza, à sua maneira de estar diante do real, ao que te serve para viver. A vida é unida, então é útil começar a entender que é possível aproveitar a *maturità* para estudar e, ao mesmo tempo, para aprender a viver, senão amanhã vocês vão estar na mesma situação de medo e de inconsistência quando tiverem de começar a trabalhar ou casar, quando tiverem de encarar os imprevistos da vida. Se vivendo os anos do liceu vocês crescerem como pessoas, como “eus”, isto lhes permitirá enfrentar tudo. Senão podem ser ótimos estudantes, mas pessoas frágeis, e um mero ventinho, um *puff*, os derruba. É uma pena que tantas vezes esqueçamos o que é mais necessário para viver. A ocasião da *maturità* é espetacular para trazer à tona “a” questão. É uma ocasião para olhar de frente. Comecem a conversar entre vocês: nesta circunstância, o que mais os ajuda? O que derrota o medo? O que não te deixou desmoronar diante de certas situações? Desta forma vocês cuidarão do que viram vir à tona na sua experiência. Coragem!

Perante a pergunta sobre o que vou fazer no ano que vem, sempre fico perplexa. Isso acontece porque não sei o que desejo. E não porque eu não saiba fazer nada ou não tenha ideias, mas porque me parece que sou uma pessoa normal, com paixões e desejos normais. Acho que não há nada que me corresponda a ponto de eu decidir dedicar toda a minha vida a isso. Uma professora me disse que, para descobrir o que é para mim, a primeira coisa é entender quem sou; mas diante da pergunta “Quem sou eu?”, fico muda, pois não sei quem sou. Então, para descobrir o que vou ter de fazer, a coisa que me pareceu mais inteligente foi dedicar-me ao estudo, que é o lugar mais imediato na minha vida...

Carrón. Estão vendo? Abrimos mão da pergunta “Quem sou eu?” e nos dedicamos ao estudo, achando que assim vamos resolver o problema.

Mas quanto mais me dedico ao estudo, mais as ideias ficam confusas; de fato, nada parece ser realmente para mim. Isso me deixa completamente em crise, porque não entendo qual é o meu papel no mundo, não entendo o que sou chamada a fazer, a ser. Então diante da escolha universitária, não vence o medo de errar, mas o medo de não encontrar o lugar certo para mim, o medo de que não haja um lugar para mim.

Carrón. É muito interessante o que você diz, porque mostra o valor do caminho que a pessoa faz. E me impressiona que vocês digam coisas espetaculares sem se dar conta. Você percebe o problema porque fica perplexa em relação ao seu futuro. E o que te veio na cabeça para resolvê-lo? Dedicar-se ao estudo. Muito bem! Foi uma tentativa de resposta, não? Mas nem por isso encontrou a resposta certa; de fato teve de verificar se a sua tentativa era adequada. E qual foi o resultado dessa verificação?

Que não era verdade, que não me correspondia.

Carrón. Estava mais confusa, você disse. Estão vendo? A experiência nunca nos engana: você deu passos numa determinada direção e logo se deu conta de que aquele não era o caminho, pois estava mais confusa. Pode-se dizer: «Por que tenho de me preocupar com quem sou? Vou me dedicar ao estudo; assim, estudando mais, esclareço as ideias». Só que você viu que as ideias ficaram mais confusas. Se prestar atenção a essa experiência, em vez de dizer: «Isso me deixa completamente em crise», pode retomar a pergunta que tinha deixado de lado: «Quem sou eu?» Então, quando pensa: «Não entendo qual é o meu papel no mundo, não entendo o que sou chamada a fazer, a ser, tenho medo de não achar o meu lugar», quando essas perguntas – que tinham vindo com toda a clareza na

sua mente – te assaltam, você se dá conta de que lançar-se totalmente no estudo não é o caminho certo para responder a elas. Portanto, o problema da *maturità* fez vir à tona – e esta é a vantagem de enfrentá-lo – a importância do que você disse no começo: «Perante a pergunta sugerida pela minha professora – “Quem sou eu?” –, fiquei muda, não sei quem sou». É maravilhoso, porque você se deu conta, sendo que poderia ter prosseguido por anos sem se dar conta, tentando responder às apalpadelas. E vendo que as suas tentativas davam errado, o que entendeu de si mesma? O que aprendeu com essa experiência? Que você é mais do que o seu estudo, que tem um desejo, uma grandeza que te faz entender o que é que não te corresponde. Agora você sabe quem é, floresceu diante dos seus próprios olhos: «Eu sou mais do que o meu estudo, porque o meu estudo não me tira da confusão». A sua grandeza apareceu diante dos seus próprios olhos não com uma lição de filosofia (com todo o respeito pela professora de filosofia, obviamente!), mas vendo emergir da sua experiência a importância da pergunta: «Quem sou eu?» Isto é precioso, você começa a dar-se conta de que não pode reduzir a sua vida a apenas um aspecto, pois assim só fica mais confusa. Quando o seu eu aparece e você começa a julgar o que acontece, começa a ampliar o olhar: «Qual é o meu papel no mundo?» É a questão atrás da qual você pode ir agora, em vez de entregar-se ao medo de não achar o seu lugar. Mas tem certeza mesmo de que não há para você um lugar no mundo? Encarando todas essas questões, você se dá conta de que está fazendo um caminho, e começa a identificar sinais, indícios que te ajudam a descobrir o seu lugar no mundo. Você vai ver como vai descobrir! Obrigado.

Barberis. Numa contribuição que recebemos, uma de vocês pergunta: «O quanto é certo fazer de uma paixão, de um talento, o meu caminho? Responder à vocação significa lançar-se no que parece acender mais os meus desejos? Tomar uma estrada mais confortável e profícua, mas que a princípio não parece ser correspondente ao meu ser, obstaculiza a felicidade?»

Nestes dias estou maravilhada, com uma grande espera no coração e uma confiança que nunca foi tão minha. Este ano é particular: tenho às costas quatro anos de liceu plenos e bem agora estou percebendo o quanto os rostos que encontrei e os fatos que me aconteceram foram pensados para mim, como uma roupa feita por um alfaiate. Cada vez mais tenho tomado consciência de que tudo o que me rodeou nestes anos e que ainda está presente foi feito sob medida para mim, tudo serviu e está servindo para me tornar cada vez mais eu mesma, um “eu mesma” verdadeiro. E entendo que, quando acolho esse “tudo” e digo sim, a realidade sempre me conduz a algo maior, e é assim que nestes meses tenho enfrentado a escolha da universidade. Tenho uma hipótese concreta e cada vez mais parece ser para mim. Nestes cinco anos sempre tive uma chaminha, no começo era um «quero ajudar as pessoas, porque é injusto não terem tido as minhas mesmas possibilidades», de modo que passei de querer ser arquiteta – a fim de construir casas-abrigo – para querer virar enfermeira. Depois essa chama foi aumentando, mas quanto mais eu avançava mais entendia que nem enfermeira nem arquiteta eram para mim, por motivos muito simples: por um lado, a minha falta de vontade de estudar tudo o que é ligado a ciência e, por outro, o fato de não gostar das aulas de arquitetura na escola. Então parei de analisar essa chama a fim de entender em que trabalho ou faculdade eu poderia vivê-la, e me pus a olhar e a olhar-me. Comecei a me descobrir na relação com os colegas de classe, na caritativa, com os sobrinhos e na forma que tenho de querer bem aos amigos. E no fim do ano passado descobri a faculdade de Ciências da Educação. Neste verão decidir ir para a África por duas semanas como voluntária, para verificar a intuição a que tinha chegado. A verdade é que não voltei da África com a certeza de querer ser educadora, mas lá me aconteceu uma coisa extraordinária: naquela realidade eu disse o meu segundo grande “sim”. Era uma realidade difícil, trabalhosa, até que vi pessoas simples que viviam e eram felizes; não podia deixar de segui-las, então disse: «Sim». Esse “sim” me tornou ainda mais eu mesma, e ao mesmo tempo mais d’Ele. Isso tem me acompanhado até agora. Na minha vida recebi sinais, diante dos quais a única coisa que posso testemunhar é que me levaram cada vez mais a Ele. Agora a minha escolha é a educação, porque a realidade – e não a ideia que tenho de mim – parece empurrar-me

para isso. Mas se a minha intuição estiver errada e em um mês eu tiver de pôr em discussão a minha escolha, eu aceito, porque depois da vida que vivi (não sem dificuldade, mas plena), não posso senão confiar novamente e seguir o que Ele me dá. Mas tenho ainda uma pergunta: apesar da confiança que tenho em mim e do desejo de viver por Ele, pergunto-me como posso verificar os sinais e o caminho que venho fazendo para escolher; como faço para entender que os sinais realmente me estão levando lá?

Carrón. O que você aprendeu com o percurso que fez?

A olhar.

Carrón. Perfeito! Sintético. Você aprendeu a olhar. E o que fazia no começo em vez de olhar?

Seguia a minha ideia.

Carrón. Pensava. Depois passou do pensar ao olhar; antes pensava em virar arquiteta, depois enfermeira, e depois quem sabe! E isso complicava a sua vida cada vez mais. Então começou a olhar. E o que olhava?

O que estava na minha frente.

Carrón. Em particular? A realidade, como você sabe, é bem vasta.

Olhava para o que me acontecia.

Carrón. Quer dizer, prestava atenção aos sinais pelos quais poderia identificar algum indício de resposta ao que se estava perguntando, para entender o que aquilo que você queria fazer tinha a ver com o desejo que tinha em si, com a voz do ideal que te chamava. A voz do ideal é mais real do que pensamos, nunca te abandona: você pode ir até a África e mesmo lá permanece, fazendo saltar aos seus olhos tudo o que acontece. Se você a escuta, começa a ver os sinais. Portanto, para responder à sua pergunta, você só precisa aplicar o método que aprendeu: olhar. O método, como você acabou de dizer, é olhar: «Eu me pus a olhar e a olhar-me». Ou seja, começou a prestar atenção aos sinais. Como você verifica os sinais do caminho que vai escolher? Como entende que os sinais estão te levando para lá? É uma questão de atenção. Você começa a ver – quando os identifica – aonde te levam: «Ah, olha, era isto e não aquilo». Dom Giussani diz, portanto, que encontrar a resposta certa não é uma questão de inteligência (primeiro você usava a inteligência, que não te falta, e tinha vários pensamentos), mas de “atenção”. Descobrir a verdade, o verdadeiro caminho para você, a resposta à sua pergunta, é como achar um tesouro. Quem o descobre? Quem é atento. Não precisa inventar nada: se for atento aos sinais, em algum momento vai intuir que o seu desejo de dar-se aos outros começa a encontrar uma forma em algo; se seguir e verificar essa intuição, poderá ver se no tempo ela dura, se os sinais confirmam que o caminho escolhido é o correto. Se você diz: «Vou a Bolonha», e depois de um longo trajeto vê as placas indicando: «Turim, Turim, Turim», o real está dando algum sinal de que talvez você tenha errado o caminho! Mas se toda vez que você olha as placas elas dizem: «Bolonha, Bolonha, Bolonha», estão te confirmando na escolha que fez de ir a Bolonha. Quer dizer que na experiência você tem a confirmação da escolha certa ou da escolha errada. Basta estar atenta! Simples!

Eu me descubro plena e feliz quando me ponho a serviço do outro, quando sinto que estou sendo útil ao outro. Descobri isto fazendo caritativa. Sempre achei que o percurso que mais conseguia realizar essa minha exigência fosse a Medicina, mas agora estou me perguntando se era só uma ideia minha, um pensamento construído por mim, e se estou deixando de olhar para o que realmente me é pedido fazer, para o que realmente é a minha vocação. Como posso entender isso?

Carrón. Como estão vendo, num determinado momento, de dentro do seu caminho humano, do seu caminho pessoal, emerge a pergunta: «Qual é a minha vocação? Qual é a forma com que eu me ponho a serviço do outro?» Não dá para pensar em determinadas escolhas sem que nasça esta grande questão: «Como eu posso servir ao outro?», como disse também a amiga que falou antes. O que pode ajudar-nos a responder? Não quero detalhar aqui todos os passos, mas se você pegar o livrinho *A voz única do ideal* (Lisboa: Paulus, 2018), pode começar a enxergar o caminho. Vou resumir as sugestões que nos demos nestes anos, seguindo Dom Giussani. Primeiro: olhar para «o complexo de inclinações ou dotes naturais» que o Mistério te dá, para pô-los ao serviço dos outros.

Segundo: reconhecer «as condições inevitáveis ou as circunstâncias inevitáveis» como «indicadores do caminho a percorrer». Terceiro: identificar «a necessidade do mundo e da comunidade cristã» que você percebe como mais urgente agora. Para escolher entre as coisas que poderia fazer na vida, você se pergunta: qual é a necessidade mais urgente na sociedade e na Igreja? Dom Giussani conclui que «o juízo deve brotar do complexo destes fatores considerados em simultâneo» (cf. L. Giussani, in: J. Carrón, *A voz única do ideal*, op. cit., pp. 21-27). Novamente, é um problema de atenção. Se você estiver atenta, poderá enxergar o caminho: «Conforme as minhas inclinações, os dotes que o Mistério me deu, levando em conta as circunstâncias em que me colocou, de que é que o mundo precisa, de modo que eu possa pôr a serviço dele tudo o que recebi?» É como se você intuísse – e isso é maravilhoso – que não pode decidir sobre a sua vocação sem captar o nexos com a totalidade, pois não poderia ser feliz isolando-se e pensando em si mesma, a partir do momento em que da sua humanidade emerge a consciência de que você só pode ser realmente você mesma em relação com os outros. Por isso, para poder identificar a sua vocação, comece a ver quais são as urgências mais decisivas do mundo de hoje, e faça-o na conversa com os amigos, com os adultos; converse com todos aqueles que podem oferecer algum indício que te ajude a entender qual é a maior necessidade, de modo que pode ser adequado inscrever-se em Medicina ou fazer outra coisa. Obrigado.

Eu desejo estudar Medicina porque tenho certeza de que a relação com alguém que vive uma dor maior do que a minha pode me fazer crescer muito, e isso é o que mais desejo para o meu trabalho futuro. Além disso, sempre que estudo o corpo humano, a sua perfeição me fascina. Ao mesmo tempo me preocupa o fato de passar os próximos meses e o verão debruçada sobre os livros, porque passar no vestibular é muito difícil; então me pergunto como é que o estudo para a maturidade e para os vestibulares pode satisfazer-me e como eu posso não depender só do resultado.

Carrón. E quem te manda fazer isso? Se não quiser estudar, pode não estudar. Então quem é que te manda?

É o que eu quero!

Carrón. Então? Vocês têm de se fazer essas perguntas simples, senão parece que alguém os está obrigando a fazer determinada coisa. Ninguém os obriga! Não quer estudar, não quer passar o verão estudando? Vá à praia; qual é o problema? «É... mas eu queria fazer Medicina...» Então você tem uma razão, que vem à sua consciência assim que te desafia. Eu não quero te convencer a estudar; só preciso fazer uma simples pergunta, e a «voz única do ideal» que vibra dentro de você te leva a dizer: «Mas é isso o que quero fazer!» Talvez assim você comece a se encher de razões para ficar com os livros. Com efeito, sem razões para estudar, quem é que te manda? Você ficará sempre reclamando: «Quem me manda fazer isto? E aquilo?» Será que um adulto pode impor o que você faz? Ninguém pode te ordenar nada, porque a vocação é sua, é sua! Foi o Mistério quem inseriu em você certos dotes, que te fez nascer com certos dotes, que te proporcionou certo tipo de experiência, como você contou: a relação com quem vive na dor; a outros talvez não, mas a você Ele deu essa percepção da dor dos outros. Não foi você quem decidiu, você se viu com esse dote, com essa sensibilidade; outros fogem só de ver alguém sofrendo, enquanto você diz: «Isso é importante para mim». Você vê indícios do Mistério, ouve a voz única do ideal que te faz vibrar, que não te diz: «Agora eu comando assim», como se te pressionasse (quantas vezes não reclamamos quando alguém quer abusar de nós e mortifica a nossa criatividade). O Mistério traz à tona uma certa sensibilidade em você, na sua experiência, como se te dissesse: «Percebe como a vida fica mais bonita assim?» O Mistério te enche de razões para que você adquira tanto gosto, que consiga estudar até no verão. Depois você deve fazer a verificação. É interessante ver como surge em vocês a vibração diante das coisas. É por isso que gosto tanto do diálogo com vocês, porque aprendo mais do que vocês ao ver como o Mistério faz vir à tona ou eu de vocês: ninguém lhes deu uma aula; simplesmente ficando diante de uma pergunta, vocês começam a ver o que é que vibra aí dentro. Portanto chega, você tem tudo o que precisa para fazer o caminho! Agora você deve decidir se

segue a sugestão ou se a joga no lixo, porque ninguém te obriga a fazer isso. Porque não depende do seu resultado, você é mais do que o resultado, então decida. Coragem!

Neste último período fui atropelada por um monte de emoções em relação à minha escolha futura. Depois de ter conversado com um adulto, tomei coragem para encarar o que realmente queria fazer, sem me deixar desencorajar por todos aqueles ao meu redor que me lembravam da dificuldade de entrar e do pouco tempo de preparação para o vestibular. Vou contextualizar para que fique claro: o meu desejo é entrar numa escola de cinema, com três etapas de seleção e só seis vagas disponíveis. Logo comecei a preparação, de modo que muitas vezes tenho de adiar os outros deveres para me dedicar a isso. Finalmente encontrei alguém e algo que derrubou todos aqueles juízos negativos e pessimistas e me disse por que valia a pena tentar. É por isso que nestes dias me nasceu uma pergunta urgente: eu me sinto destinada a coisas grandes (como escreveu Ety Hillesum), sinto que algo está ardendo em mim, mas o pavor de não entrar na escola de cinema me paralisa as pernas, porque sei que viveria o ano seguinte com o remorso de não ter podido realizar aquilo a que me sinto chamada. Como fazer quando esse medo, ligado a todas as repreensões acerca da minha escolha, toma as rédeas? Eu sei que o meu lugar é ali, não sei como explicar em palavras, pois é algo interno, mas não tenho certeza de que chego lá. Como posso confiar completamente no que desejo, quando a porta por onde passar é tão estreita?

Carrón. De novo, como dissemos antes, a pessoa pode estar determinada pelo medo, pelas repreensões ou pelo olhar dos outros. O que te liberta, o que te desprende agora?

O fato de que eu, preparando-me para a seleção, estou feliz...

Carrón. Assim é suficiente! Vá atrás disso, porque todas as dificuldades que você teve até agora não te paralisaram, e é a realidade quem vai dizer, vivendo-a, se é possível ou não entrar na escola de cinema. Mas, independentemente do fato de conseguir ir ou não – notem que isto é importantíssimo –, já nisto você cresceu. Pois ninguém disse que sempre podemos realizar o que queremos, temos de aceitar que alguém nos pergunte: «Você põe a mão no fogo que esse é o caminho?»

Não!

Carrón. Muito bem. Ainda bem que você tem essa lealdade, pois isso te liberta. Você se lança inteira, como tem feito, mas não pode ter certeza absoluta, a ponto de pôr a mão no fogo, de que essa é a única estrada. Já isto é libertador. Desta forma, você pode ir tranquila ao processo seletivo, porque se esse não for o seu caminho, quer dizer que o Mistério te preparará um outro melhor, que você ainda não conhece. Porém, se alguém finca o pé e diz: «Ou isto ou nada», está perdido. Por isso desafio vocês, não estou aqui para consolá-los dizendo: «Dá na mesma, contente-se, o que quer que eu te diga?» Eu aumento o nível do desafio e te pergunto: «Você põe a mão no fogo que esse é o único caminho?» E você lealmente me responde: «Não, eu não sei». Eu não sou o Senhor Deus, não sou um guru com a resposta pronta a qualquer pergunta, eu estou aqui todo curioso para ver como é que o Mistério, que te deu essa paixão, vai te levar ao destino e como vai transformar tudo o que te deu num bem para você e para todos. Mas se Ele preparar algo mais interessante, você está disponível? Como Ele vai te informar? Ao longo do percurso que está fazendo, porque – independentemente do resultado – você já está fazendo a experiência de crescer, de uma libertação das muitas pressões externas, dos muitos juízos e olhares, tanto que está prosseguindo no seu caminho. Isto te torna cada vez mais você mesma. O que você deseja já está acontecendo, você está se tornando você mesma, e isso é muito mais importante do que a imagem que fazemos do nosso futuro; e se amanhã ocorrer algo imprevisto que agora você não consegue imaginar, você poderá observar a experiência de agora, a única que te permite resistir diante de qualquer eventualidade. O Mistério, em sua genialidade, pode ter preparado para você um caminho ainda mais bonito, que você não conhece, como quando uma pessoa se perde num passeio e desemboca num lugar ainda mais bonito do que o planejado. Eu poderia contar como se deu comigo, mas como já é meio tarde vou resumir: quem poderia imaginar que alguém como eu, nascido num vilarejo dos campos da Estremadura, na Espanha, viria morar em Milão? Era absolutamente imprevisível; eu não podia

nem imaginar o passeio que o Mistério estava preparando para mim. Mas se revelou muito mais interessante do que o passeio que eu tinha imaginado para mim. Como será que vai ser para você?

Barberis. Como um de vocês não pôde vir aqui, leio o que escreveu: «Na quinta-feira passada tivemos o simulado da prova oral da *maturità*; eu tinha medo até do simulado, e pensar em junho [*o mês da prova*] o aumentava ainda mais. Por sorte não estava sozinho: eu me apaixonei. É incrível como uma só palavra pode mudar tão radicalmente e tão inesperadamente a vida de todos os dias, tanto na escola quanto em casa. Eu tinha até vontade de estudar, encontrava graça até na *maturità*, eu que tinha medo até do simulado. Como seria bonito ter um estímulo assim todo dia! Mas nesta sexta-feira, justo enquanto esperava aquele gesto caro a mim, algo mudou, não me senti amado daquele jeito excepcional de sempre. Para esta *maturità*, então, não quero nada além de pessoas que me queiram bem, amigos que me acompanhem e que me queiram bem, e assim poder recomeçar sempre. Como é bonito fazer as coisas com alguém que me quer bem». A pergunta é: quem são os companheiros de estrada nesta aventura?

Carrón. Faz parte da aventura descobri-los! Ele achou que fosse a pessoa por quem se tinha apaixonado, e depois, num determinado momento, descobriu que não o ajudava suficientemente. Então como descobrir os companheiros de estrada? É uma questão de método. Nós os escolhemos com cálculos? Depende dos gostos? Da nossa imaginação? Nada disso: é vivendo que descobrimos quem são aqueles que realmente nos fazem companhia em qualquer situação. São estes os companheiros de quem precisamos, porque não sabemos quais oportunidades o Mistério preparou para nós, podendo ser mais bonitas e diferentes daquilo que imaginamos. A questão fundamental, portanto, é descobrir esses amigos verdadeiros. Como? Fazendo a verificação de que há companheiros em cada fase do nosso caminho, não simplesmente em alguns momentos ou devido a algum sentimento que pode diminuir a qualquer instante. Desta forma, trata-se de companheiros de caminho que nos chamam constantemente a atenção para o ideal e assim mantêm vivo em nós um fogo que não morre, como cantamos no início. Tudo está nesta música: «Estarei contigo», esta é a companhia ideal que jamais nos abandonará; «estarei contigo», porque «Eu pus uma mão no teu coração, sempre contigo, como um fogo que dentro não morre».

Boa caminhada, amigos!

Barberis. Obrigado. Peço uma última coisa, Julián. Diz respeito à peregrinação a Czestochowa. Pode repetir o sentido desse gesto, proposto pelo Movimento no encerramento do percurso escolar?

Carrón. Parece-me que tudo o que conversamos esta tarde nos indica a utilidade que pode ter um gesto como a peregrinação a pé. Poderiam dizer: «Agora que terminei a escola, agora que fiz o exame de *maturità*, que sentido tem? Já alcancei o objetivo». Mas esta tarde vimos que aquilo de que vocês realmente têm necessidade não é só identificar o que vão estudar na faculdade, mas descobrir o que nos permite enfrentar todos os desafios da vida: o que nos livra do medo (da *maturità* ou da escolha universitária)? O que nos dá consistência? O que responde às necessidades fundamentais que temos? É tudo isso que entra em cena num gesto como a peregrinação, porque é um momento ao fim da escola para cuidar, com mais consciência, do que vivemos. Como vocês viram, a iminência da *maturità* é uma ocasião para começarmos a avaliar em que ponto estamos, perante todos os desafios que temos. A peregrinação é um gesto adequado para isto, portanto os seus amigos mais velhos, que participaram nos anteriores, o perceberam e viveram como consonante às necessidades que tinham. Muitas outras iniciativas podem decepcionar, mas este gesto não: quem está interessado em si mesmo o sente como profundamente adequado. O problema não é só o do estudo, das férias ou do namorado, o problema é o do viver, e a peregrinação joga luz precisamente nisso. A peregrinação é um gesto em que nos damos algum tempo a fim de olharmos para o que é o ideal que vibra dentro de nós.

Tchau!